

Entrevista com **Silviano Santiago**

Portal Cronópios – Literatura Contemporânea Brasileira
18/3/2006 01:15:00

Disponível em:

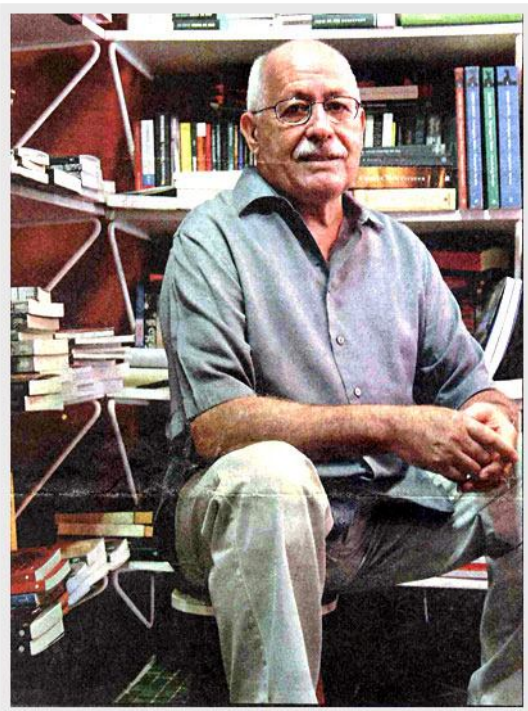
<http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=1140>

Acesso em 4 mar. 2010.

A boa literatura incomoda

Por Carlos Herculano Lopes

(Publicado no caderno *Pensar* do jornal **Estado de Minas**)



Silvano Santiago, por Maria Tereza Correia

Mineiro de Formiga, o escritor, ensaísta e professor universitário Silvano Santiago está escrevendo um novo

*romance, cuja história se passará entre Minas e o Rio, onde vive desde os anos de 1960. Especialista em Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, orientador de dezenas de teses, autor de uma vasta obra e guru de toda uma geração de estudantes e professores, Santiago caminha para os 70 anos, que serão completados em setembro. Atento à literatura brasileira contemporânea, ele acha que ela está muito variada, como a que se refere à questão das minorias, como negros, gays, índios, etc. O item qualidade, no entanto, o preocupa. “O melhor na nossa produção literária atualmente está no limbo, e pessoas como Caetano Veloso e Chico Buarque, por exemplo, que poderiam ajudar a divulgá-la, pela força que têm junto ao público, não o fazem, só se referem aos canônicos. Parece que eles têm receio de falar de novos autores”, afirma o escritor. Silviano Santiago vem produzindo extensa obra nos campos do ensaio e da ficção, que lhe rendeu três prêmios Jabuti. É autor de Nas malhas da letra, Uma literatura nos trópicos e Cosmopolitismo do pobre (ensaio); e Stella Manhattan, Em Liberdade, Histórias mal contadas, Keith Jarret no Blue Note (ficção). Com seu mais recente romance, O falso mentiroso (Editora Rocco), foi um dos vencedores do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira de 2005. De passagem por Belo Horizonte, cidade onde se formou e da qual domina como poucos suas histórias, Silviano Santiago falou ao caderno **Pensar** do **jornal Estado de Minas** (entrevista publicada no sábado, dia sete de janeiro de 2006):*

Depois de tantos anos fora de Minas, você diz que seu próximo romance irá se passar em Belo Horizonte. Como anda o projeto?

Em relação a Minas, existe uma grande lacuna na minha obra. Fui cedo para o Rio, vivi muitos anos no estrangeiro e, agora, na maturidade, a infância e a adolescência começaram a bater na porta. Daí a decisão de voltar para a terra, nem que seja através da literatura. Nesse livro, que estou escrevendo, farei uma tentativa de retornar a história do Rei Lear, e adaptá-la às circunstâncias que me interessam, dando uma ênfase especial à questão da partilha, sob o ponto de vista de uma pessoa que não tem a quem deixar os seus bens. A trama se passará entre Belo Horizonte e o Rio. Mas o livro não será autobiográfico. Irei contar a história de uma família de comerciantes que tinha seus negócios na Rua dos Caetés. Os personagens são o pai, a filha, e um filho ambicioso, que mata a irmã para ficar como o único herdeiro. Na década de 1970, já homem rico, ele ganha mais dinheiro ainda, jogando na bolsa. Depois, no final da vida, resolve se mudar para o Rio, e lá começa a escrever um livro.

Mas uma coisa o atormenta e ele se pergunta: “Para quem vou deixar tudo o que amealhei durante esses anos todos?” Tem um outro detalhe na história: sua irmã era apaixonada por um homem muito feio. Um corcunda.

E o que isso tem a ver?

Nada. Só que trabalhar com esses temas meio transgressores sempre me interessou muito. Fica até uma pergunta no ar: porque não se pode amar o feio? O filme *O Corcunda de Notre Dame*, que assisti na juventude aqui em Belo Horizonte, onde ele fez muito sucesso, foi uma espécie de leitmotiv para eu criar meu personagem e desenvolver a trama ao seu redor. É ele que acaba ficando com a maior parte do dinheiro deixado pelo assassino da irmã. Embora o livro não seja autobiográfico, gosto de dizer que a literatura é sempre parte do corpo de quem escreve. Dos seus sentimentos, das suas idéias, dos seus sofrimentos e alegrias. É tudo aquilo que nos constitui, e que a gente julga que possa servir de matéria-prima para se fazer algo que possa transcender a questão meramente autobiográfica.

Você vê alguma transgressão na literatura brasileira atual?

Está acontecendo uma coisa que por um lado é muito positiva e, por outro, discutível. Houve um desbloqueio da noção da literatura, daquela grande literatura do século 19, e isso se deu em função do mercado. Hoje, quase não se fala mais em literatura, mas em produção textual. E essa produção, atualmente, está muito variada, como a que se refere à questão das minorias, por exemplo, onde a transgressão é menos formal e se dá mais no plano do que tradicionalmente se chamava de conteúdo. Exemplo: hoje temos uma literatura negra interessantíssima, uma outra que fala da questão indígena, dos gays, das lésbicas, e assim por diante. Tudo isso é uma literatura com uma vertente popular muito forte, sem que seja necessário aquela outra, com L maiúsculo. Nisso a música popular também se enquadra. Scripts de filmes, que ninguém julgava como literatura, hoje ganha força. Outro dia li *Deus e o diabo na terra do Sol*, e só então me dei conta de que aquilo é um romance maravilhoso. Existem ainda as peças de teatro e, mais recentemente, os blogs, a literatura infanto-juvenil, e assim por diante. Então, esse desbloqueio da noção de literatura é fascinante.

E o problema?

É o da qualidade, que infelizmente não tem sido bem resolvido pelos teóricos. O romance e o conto continuam fortes, mas hoje já não são mais imbatíveis, basta ver que as edições estão cada vez menores. Acho que estamos passando por uma fase em que teremos também de dialogar com as formas canônicas do saber, como a filosofia, a história, a sociologia, pois só assim iremos perceber que a literatura é um diálogo extremamente rico.

A diversidade pode ser prejudicial à literatura?

A meu ver, o que se escreve de melhor no Brasil hoje está sendo escrito em um diapasão que não possibilita o reconhecimento. O melhor da nossa produção literária, atualmente, parece que está no limbo. Ou seja, não estamos sabendo aproveitar o que de bom ela oferece, por um preconceito ridículo. Os bons livros não são populares e nem estão atingindo o grande mercado. Se isso estivesse acontecendo, eles seriam aproveitados e seus autores se tornariam conhecidos. Eu acho escandaloso, por exemplo, Caetano Veloso, que é uma pessoa extraordinária, nunca citar um escritor contemporâneo. Na hora de se referir a algum, ele só se lembra dos canônicos. Com Chico Buarque também se dá o mesmo, e olha que eles, que poderiam servir de canal de comunicação com grupos mais numerosos, ficam com uma espécie de receio de falar de novos autores. Quando acontece de citarem alguém, só se lembram de poetas que fazem música popular, como é o caso, merecidamente, de Wally Salomão, Antonio Cícero, José Miguel Wisnik e outros. Parece que eles têm uma certa vergonha em relação à produção contemporânea.

Chico Buarque também é romancista...

A boa literatura incomoda. Queiramos ou não, ela traz em si isso que hoje eu acho um pouco ridículo, mas que também não podemos jogar na sarjeta, a questão da qualidade. E o brasileiro, de certa forma, nunca soube trabalhar bem essa questão. É como se tivesse um complexo de inferioridade em relação àquilo que lhe é apresentado como bom. Então ele só passa a aceitá-lo quando esse algo de qualidade se torna canônico. Eu acho isso muito estranho no temperamento do intelectual brasileiro. O caso clássico é o de Guimarães Rosa. Quando ele publica *Grande sertão: veredas*, em 1956, Ferreira Gullar disse que não tinha conseguido passar das primeiras 40 páginas, pois aquele era um livro para filólogos.

Você está no Rio desde o início dos anos 1960. Escreveu muitos livros, foi professor universitário, orientou teses, se tornou um intelectual respeitado e caminha para os 70 anos. Como vê sua trajetória?

De uma maneira tranqüila. Continuo morando sozinho, em um apartamento muito pequeno da Zona Sul carioca. Minha vida é modesta: faço as minhas compras, às vezes lavo as minhas roupas, cozinho pra mim. Não vejo que a minha vida tenha se transformado muito durante esses anos todos, embora muita coisa tenha me acontecido. Escolhi uma profissão que gosto, que é a de professor universitário, só que ela não permite uma alforria em relação às exigências do cotidiano. Por isso continuo trabalhando, mesmo já sendo aposentado. Atualmente tenho muito mais tempo para escrever, e o faço todos os dias, com disciplina. Só que de uns anos pra cá tenho visto que perdi muito tempo com a universidade, mesmo ela tendo me dado um bom alicerce, que hoje ajuda a sedimentar a minha carreira como escritor. Mas a minha vida hoje é muito rotineira e sem graça. Ela já foi muito mais divertida.